



**Lanterna de luz mórbida - Érico Veríssimo**  
**e os problemas raciais**  
**nos Estados Unidos**

*Carlos Cortez-Minchillo*



#### resumo

A partir da década de 1940, por meio de narrativas de viagem, entrevistas e palestras, Érico Veríssimo tornou-se um dos mais importantes intérpretes dos Estados Unidos para os brasileiros. Em *O Senhor Embaixador* e *O Prisioneiro*, Veríssimo chega a incorporar à ficção questões centrais da realidade norte-americana, como o “problema negro”. Neste artigo, analiso como as tensões raciais nos Estados Unidos foram tratadas por Veríssimo, especialmente em seus dois livros de viagem aos Estados Unidos, *Gato Preto em Campo de Neve* e *A Volta do Gato Preto*. A ideia central é de que, ao longo dos anos, Veríssimo refina sua compreensão da sociedade norte-americana, propondo uma visão mais complexa e menos otimista sobre os embates raciais que a assolam.

**Palavras-chave:** Érico Veríssimo; narrativas de viagem; relações culturais Brasil-Estados Unidos; questões raciais.

#### abstract

*As of the 1940s, through his travel narratives, interviews and lectures, Érico Veríssimo became one of the most important interpreters of the United States for Brazilians. In His Excellency, the Ambassador and O Prisioneiro [The Prisoner], Veríssimo incorporates into fiction key issues of the North American reality, such as the “black problem”. In this article, we seek to analyze Veríssimo’s approach to racial tensions in the United States, especially in his two travel books to the United States, Gato Preto em Campo de Neve [Black Cat in a Field of Snow] and A Volta do Gato Preto [The Return of the Black Cat]. The central idea is that over the years Veríssimo refines his understanding of the American society and proposes a more complex and less optimistic view of the racial strife afflicting it.*

**Keywords:** Érico Veríssimo; travel writing; United States-Brazil cultural relations; racial issues.

**E**m 1941, dias antes de embarcar pela primeira vez para o Estados Unidos, Érico Veríssimo faz no Rio de Janeiro uma palestra sobre a moderna literatura norte-americana. Nesse evento, o escritor gaúcho sugere – pelo que diz e pelo que deixa de dizer – pistas importantes sobre sua visão da América do Norte naquele momento e sobre como viria a exercer a função, que estava prestes a assumir, no jogo das relações culturais interamericanas. Tendo desenvolvido por estudo e ofício grande intimidade com a cultura e a sociedade norte-americanas, o palestrante Veríssimo, leitor de publicações como *Saturday Review of Literature*, soa seguro no papel de guia em uma breve viagem na qual, por meio de sua literatura, pretende traçar um perfil dos Estados Unidos. Sua intenção é mostrar a “experiência humana realmente interessante que se está processando naquela terra, *melting pot* de inúmeras raças, e uma das cidadelas derradeiras da cultura num mundo de violência e desintegração” (Veríssimo, s/d, pp. 11-2).

Associar os Estados Unidos ao convívio entre raças e à preservação da cultura contra a barbárie tinha evidente apelo naquele contexto da Segunda Guerra Mundial, quando as forças alemãs haviam invadido a França e quando se temia que a ideologia nazifascista e seu projeto francamente racista pudessem espalhar-se pela América do Sul. Mas não era exatamente uma tarefa fácil, dada a prevenção em relação aos Estados Unidos de muitos

brasileiros que, no texto da palestra, Veríssimo representa como “o homem do elevador”, aquele cidadão mediano, gentil e minimamente ilustrado que será o interlocutor implícito de seus relatos de viagem e, de forma mais geral, do discurso de irmandade pan-americana que se disseminou nos anos de 1940. Érico estava ciente do imaginário social que se consolidava havia algumas décadas entre os leitores e frequentadores das salas de cinema no Brasil e no resto do mundo. De um lado, os Estados Unidos do poder econômico e político, da inventividade tecnológica, da vibração de metrópoles como Nova York e Chicago e da romântica atmosfera dos musicais, comédias e dramas hollywoodianos. De outro, a América da ganância ilimitada, dos vícios morais – como a disseminação do divórcio deplorada pelos setores católicos – e de múltiplas formas de crime e violência. Érico procura corrigir as “meias-verdades” que reduzem os Estados Unidos a uma nação “mecânica e materialista”, repelindo “ideias sugeridas por palavras como *dinamismo, produção em massa, gigantesco, milhão, arranha-céu, rapto, gângster, eficiência, publicidade*” (Veríssimo, s/d, p. 11). É notável, porém, que, ao tentar angariar para os Estados Unidos a simpatia de uma assistência que o *Correio da Manhã* caracterizou de “elegante e fina”, Érico tenha ignorado uma outra série de

---

**CARLOS CORTEZ-MINCHILLO** é professor do Dartmouth College (Dartmouth, EUA) e autor de *Érico Veríssimo, Escritor do Mundo* (Edusp).

termos que também integrava o repertório de informações e juízos a respeito da sociedade norte-americana: *linchamento*, *Ku Klux Klan*, *Harlem*, *jazz*, *segregação racial*.

A “questão do negro” nos Estados Unidos, certamente também porque se articulava com as disputas que o tema então suscitava no Brasil, era constantemente veiculada pela imprensa nacional, tecendo uma representação social composta de, por um lado, discriminação, violência, miséria, criminalidade e, de outro, poder de organização, capacidade de reivindicação, êxito cultural e sucesso individual. Em 1930, Garcia de Rezende escrevia no jornal capixaba *Diário da Manhã*: “A luta contra os negros é um dos mais dramáticos aspectos da vida norte-americana. Tio Sam quer que o seu país seja o líder da raça branca. Por isso os dez milhões de negros existentes nos Estados Unidos carecem de ser destroçados” (Rezende, 1930, p. 1). Oito anos depois, matéria da *Folha da Manhã* (1938, p. III), de São Paulo, informava que “cada quatorze dias, durante cinquenta anos, um negro ou mulato foi linchado pelos brancos”.

Ao destacar a imagem do *melting pot* e ao pôr em surdina a literatura norte-americana dos e sobre os negros – Veríssimo não faz, por exemplo, referência ao movimento cultural batizado de Harlem Renaissance –, o palestrante joga para a sombra questões raciais que estavam no centro do debate intelectual da época<sup>1</sup> e que contribuía grandemente para aquele “mundo de violência e desintegração” que ele menciona. Já em 1935, Múcio Leão destacava “o problema do negro e o problema do judeu” como os dois principais fatores “que causam terror nos Estados Unidos e na Europa” (Leão, 1935, p. 8). Se, por um lado, Veríssimo parece satisfeito com que os escritores proletários norte-americanos tenham quebrado tabus, identificando-se com “as classes pobres” e “com as questões políticas, sociais e sexuais” (Leão, 1935, p. 20), a causa específica da população negra se dilui entre outros

tantos “problemas humanos”. A atitude moderada ao tratar de um dos mais graves atritos da sociedade norte-americana talvez se deva aos limites de tempo do evento, que o palestrante descreve como a “pobre viagem” de um “turista que não tem tempo” (Veríssimo, s/d, p. 13). Mas as escolhas do percurso proposto por Veríssimo também podem indicar certo cuidado por parte de quem iniciaria, em alguns dias, uma viagem patrocinada pelo governo norte-americano.

Como se sabe, frente ao conflito na Europa e na Ásia, os Estados Unidos, para manter sua segurança interna e sua hegemonia no continente, buscaram neutralizar a propaganda nacional-socialista e consolidar os vínculos interamericanos, conquistando a simpatia e o apoio das nações vizinhas. Isso explica, como se sabe, as múltiplas ações de diplomacia cultural norte-americana durante toda a década de 1940, quando o Department of State deu apoio a visitas aos Estados Unidos de muitos artistas plásticos, músicos, escritores, bibliotecários, jornalistas e editores de toda a América Latina. O pressuposto era de que membros criteriosamente selecionados da elite intelectual do continente, uma vez que tivessem *in loco* a experiência americana, voluntariamente disseminariam – para um público igualmente selecionado – uma atitude mais positiva em relação ao vizinho do norte. Para as massas, investiu-se em outros canais: o cinema de Hollywood, as animações de Walt Disney e publicações como *Seleções do Reader's Digest*.

Um dos primeiros brasileiros a se beneficiar da política de boa vizinhança do governo de Franklin Roosevelt, Érico Veríssimo tinha vários trunfos para estabelecer a ponte entre Brasil e Estados Unidos. Sua formação escolar e seu interesse pela literatura, cinema e música proporcionaram familiaridade com o idioma inglês e com a cultura norte-americana. Além disso, sua mais profunda convicção em favor da democracia afastava-o tanto do fascismo quanto do comunismo. Por fim, àquela altura, Veríssimo já desfrutava de uma popularidade incomum para um escritor brasileiro, tanto que seu romance *Olhai os Lírios do Campo* (1938) foi um dos primeiros *best sellers* brasileiros do século XX. Tudo isso fazia do escritor gaúcho um interlocutor especialmente qualificado para observar o *american way of life* e, em seguida, divulgar amplamente suas impressões entre os brasileiros

1 Esse debate, que toma fôlego nos anos 1930 e se prolonga na década seguinte, não só focalizou questões biológicas, históricas, sociológicas e políticas, mas difundiu o interesse pela cultura afro-brasileira e pela literatura negra norte-americana. Ver, nesse sentido, Camilo (2012).



letrados. Foi o que Érico efetivamente fez por meio de entrevistas, programas de rádio, textos de jornal e revista e, especialmente, pela publicação de dois extensos livros de viagem, *Gato Preto em Campo de Neve* (1941) e *A Volta do Gato Preto* (1946). A despeito das diferenças que se podem apontar entre essas duas obras, o fato é que, entre outros muitos assuntos e ângulos de análise, ambas dedicam considerável espaço para descrever e analisar as relações raciais e étnicas nos Estados Unidos e o problema correlato das condições de vida de setores desprivilegiados da sociedade americana. No intervalo de cinco anos entre o lançamento de cada uma dessas duas narrativas de viagem, é perceptível, porém, como se altera a análise de Érico Veríssimo sobre os Estados Unidos e sobre as tensões sociais e raciais aí existentes.

*Gato Preto em Campo de Neve* é fruto dos três meses do inverno de 1941 em que Érico Veríssimo cruzou vários estados norte-americanos, visitando cidades como Washington D. C., Nova York, Chicago, Nova Orleans, São Francisco e Hollywood. Nas primeiras páginas, o narrador-viajante caracteriza sua viagem como uma fuga da “hora escura” de “um mundo em que há miséria, sofrimento, ódio, carnes e almas dilaceradas” (Veríssimo, 2006, p. 23). Logo adiante, porém, admite que, como homem e romancista, seu interesse recai sobre as “criaturas da vida real” e os conflitos humanos.

Efetivamente, em *Gato Preto em Campo de Neve*, Érico aponta múltiplos e contrastantes aspectos dos Estados Unidos, pondo à luz, mesmo que de maneira ponderada, as imperfeições do país e os impasses de seu tempo. Ao traçar o perfil de cada lugar por que passou, ao reproduzir seus diálogos com as pessoas comuns e suas entrevistas com escritores famosos como Pearl S. Buck, Thomas Mann e Somerset Maugham, e ao fantasiar uma longa conversa final entre um leitor hipotético e o narrador-viajante, em todos esses momentos desponta o “*approach* caleidoscópico” do escritor, que aceita de forma empática a multidimensionalidade do real (Vieira, 1996, pp. 119 e 121). Com isso, embora os relatos de viagem dificilmente possam se furta às generalizações etnográficas, o livro de Érico incorpora tantas perspectivas e mantém um olho tão atento para o jogo entre permanência e transformação da sociedade americana ao longo do tempo, que

consegue escapar quase sempre do reducionismo mais rasteiro, que tende a reduzir o outro a uma essência imutável (Herzfeld, 1996, p. 289). O viajante de *Gato Preto* tem apetite voraz – “Quero tudo. As casas dos milionários de Park Avenue e os bairros da miséria” (Veríssimo, 2006, p. 53) – e ele parece imediatamente se abrir e se conectar com os ambientes que visita, com as paisagens e pessoas que vê e com quem dialoga. Em Nova York, por exemplo, Érico considera desde logo que a “cidade tem um jeito acolhedor e amigo” (Veríssimo, 2006, p. 49), o que contrasta com as impressões de outros viajantes, como Ribeiro Couto, cuja primeira noite na metrópole em 1942 (“sete milhões de seres humanos desconhecidos”) causou-lhe uma impressão triste de não pertencimento e inacessibilidade (Couto, 1942, p. 136).

A atitude curiosa, abrangente e inclusiva do viajante Érico constitui um elemento retórico a favor da credibilidade de seu relato, fazendo a voz do narrador de *Gato Preto* soar sempre franca e imparcial, disposta inclusive a antecipar possíveis objeções de seus hipotéticos leitores. Evita assim uma postura dogmática e autoritária, o que casa bem com a celebração, em muitos níveis do texto, dos princípios democráticos que o autor identifica na sociedade norte-americana. No seu relato de viagem, a convivência entre classes sociais distintas seria – juntamente com a honestidade, o senso de responsabilidade e a confiança no próximo – o emblema de uma sociedade harmônica, na qual o “banqueiro se acotovela com o moço empregado da bomba de gasolina” e compartilham durante o almoço as mesmas mesas, as mesmas comidas e “a mesma quantidade de vitaminas” (Veríssimo, 2006, p. 63). Esse nivelamento social representaria, no entender de Érico, um “conceito esportivo de democracia” (Veríssimo, 2006, p. 63) tipicamente norte-americano e oposto ao caráter elitista que, segundo o viajante-narrador, seria responsável tanto pela decadência da cultura europeia quanto pela derrocada do projeto social e político do velho continente. Ao descrever e comentar um grupo de ricos refugiados franceses que circulam pelo saguão do hotel, o narrador conclui que são:

“[...] representantes duma espécie que está fadada a desaparecer como os búfalos e as girafas. [...] Nasceram e se criaram num ambiente de estufa,

aquecidos por ideais abstratos de beleza, adorando fórmulas feitas, ignorando a miséria em que vivem as classes inferiores” (Veríssimo, 2006, pp. 47-8).

Comprometido com o espírito democrático, Érico Veríssimo não poderia deixar de registrar e comentar as “classes inferiores”, mas, certamente por estar empenhado na promoção do discurso pan-americanista, ele estabelece nessas passagens um equilíbrio entre a denúncia e um certo otimismo, de modo que o saldo é em todo caso positivo. Assim, no capítulo em que comenta sua visita a Washington, inclui uma seção intitulada “Negros”. O narrador explica que o tema lhe surgiu quando, deixando os monumentos da Constitution Avenue, teve o choque de deparar com a miséria de “uma povoação de negros composta de casinholas feitas com caixão de gasolina e panos encardidos” (Veríssimo, 2006, p. 82). Porém, na frase seguinte, surge a descrição da Howard University, “para gente de cor”, onde há “rapazes vestidos com decência” (Veríssimo, 2006, p. 83). Na continuação do texto, mantém-se o mesmo padrão de composição: para cada aspecto negativo, há uma contrapartida positiva. As taxas de desemprego e de mortalidade infantil entre os negros são altas, mas há negros de classe média que moram em boas casas e seus filhos são “mulatinhos limpos, bem vestidos e de cabelos lustrosos” (Veríssimo, 2006, p. 84); os negros são segregados, mas existem escolas, teatros e cinemas para eles; as condições de vida nos cortiços onde habitam são precárias, mas muitos saem de lá e obtêm sucesso. A possibilidade de mobilidade social, pedra de toque do *american dream*, aponta para um futuro promissor: “As gentes que enchem as calçadas [de Washington] têm um aspecto sadio e estão bem vestidas. *Vejo entre elas muitos pretos e mulatos*” (Veríssimo, 2006, p. 58, grifo meu). Por observações como essa (seria digno de nota que pretos e mulatos sejam sadios e se vistam bem), despontam no discurso as expectativas raciais e as marcas de classe e de cultura do viajante observador, que chega a uma conclusão parcialmente reparadora: ainda que não acredite no fim do preconceito contra os negros – “uma dificuldade que não se resolve com dinheiro” –, o narrador declara-se confiante de que a maioria dos problemas das populações negras será resolvida com o tempo, “porque há um sério esforço

nesse sentido” (Veríssimo, 2006, p. 86). Esperança semelhante no progresso material e social arreмата a descrição do setor miserável do *east side* de Nova York, onde residem os judeus pobres. Nesse aspecto, Érico Veríssimo revela-se um homem de seu tempo, já que, a despeito da radical aversão ao totalitarismo, manifesta grande esperança no poder de ação de líderes, como Franklin Delano Roosevelt, capazes de alterar a realidade por meio de iniciativas governamentais, como os programas sociais e econômicos do *new deal*.

Em *Gato Preto em Campo de Neve*, a segregação social dos negros é apresentada recorrentes vezes com certa naturalidade, sem marcas de indignação, um problema “mais moral que político” (Veríssimo, 2006, p. 450). Não se dá ênfase tampouco aos atos mais bárbaros de racismo, como os linchamentos, que estariam diminuindo “sensivelmente”. É sugestivo, nesse sentido, que no momento de síntese histórica ao final do livro Veríssimo não inclua os negros entre os que primeiro povoaram a “exuberante nação de nações” (Veríssimo, 2006, p. 440) que é a América: quando o narrador destaca a “mistura estonteante de raças” (Veríssimo, 2006, p. 443) ele cita europeus, mexicanos e judeus.

O *colored people surge*, porém, ao lado de outras etnias nas descrições de cenários atuais de “luta e miséria” (Veríssimo, 2006, p. 261), como o da feira de bugigangas na Maxwell Street, em Chicago, em páginas que traduzem profunda consternação por parte do narrador. Entretanto, ao tratar do Harlem, em Nova York, o retrato físico e social resulta bastante leve. A despeito das “histórias tenebrosas” e da “má reputação” que o narrador-viajante conhece de antemão, e mesmo que a “fisionomia das casas” lhe pareça pouco amigável, sua imersão no Harlem não rende uma análise da questão racial e da segregação dos negros mesmo numa cidade do norte, onde supostamente eles encontrariam menos rejeição. Érico prefere dar destaque à reunião dos seguidores de Father Divine, um controverso líder religioso negro “que os outros pretos adoram como uma nova encarnação de Jesus” (Veríssimo, 2006, p. 166). Numa segunda visita ao Harlem, Érico vai a um *dancing*, onde “demônios negros suados e epiléticos dançam ao som de sonoro e espasmódico *jazz band*” (Veríssimo, 2006, p. 169). Destaca-se o tom lamentoso

dos *blues*, que evocam os gemidos dos navios negreiros, mas nem mesmo essa conexão histórica dá ensejo a uma reflexão substancial por parte do narrador, ao contrário do que ocorre em outras passagens do relato de viagem, quando o passado explica a América atual. O trecho contrasta igualmente com outros relatos de estrangeiros sobre o Harlem escritos à mesma época, como o artigo do peruano Fernando León de Vivero, que lamenta a “distância cruel que uma sociedade injusta criou” e defende que a alegria debochada dos moradores do bairro negro nova-iorquino não os faz esquecer que “os trabalhos mais duros foram feitos para eles” (Vivero, 1940, p. 337). Talvez a explicação para esse olhar conformista de Érico se encontre em um comentário no “Diálogo sobre os Estados Unidos”, a seção final da obra. Lá, o narrador estabelece uma acomodação argumentativa que pode servir de síntese da atitude ideológica de Veríssimo naquele momento. Aceitando a existência de problemas – “alguns sérios” – na sociedade americana, seria no entanto preciso “buscá-los com uma lanterna de luz mórbida” (Veríssimo, 2006, p. 447). Num lance que contradiz algumas de suas anotações mais sombrias durante o relato de viagem, Érico advoga que não se devem esquecer os aspectos mais animadores da sociedade norte-americana, um espetáculo “que se oferece natural nas ruas”. Seria então um erro ir buscar “*num gesto literário*” (grifo meu) as agruras econômicas e sociais de uma obra como *As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck. O narrador, então, estabelece uma comparação ilustrativa: “O Brasil não é o cangaço nem a seca do Nordeste” e portanto “se um estrangeiro nos julgasse através de qualquer um desses dois dolorosos aspectos, ficaríamos com toda razão revoltados” (Veríssimo, 2006, p. 447). Estaria aí, nos êxitos e não nos problemas, nas classes médias e não nos segmentos pobres, o denominador comum que viabilizava a boa vizinhança entre as repúblicas da Pan-América?

Quando, em 1946, Érico Veríssimo lança o livro de sua segunda e mais extensa viagem pelos Estados Unidos, muita coisa havia mudado, no mundo e para o escritor gaúcho. Uma mais longa convivência com a realidade norte-americana entre setembro de 1943 e setembro de 1945, a atuação nos Estados Unidos como professor universitário e profícuo palestrante de literatura e cultura bra-

sileiras, a revelação dos horrores do holocausto e do uso da bomba atômica, a leitura de obras como *Formação do Brasil Contemporâneo* e o fim do Estado Novo no Brasil resultaram em um posicionamento menos iludido e mais informado. Recorrendo a um novo repertório analítico e outro tom enunciativo, Érico parece agora empunhar com mais frequência a tal “lanterna de luz mórbida” que havia anteriormente rejeitado. Se disso não resulta um livro pessimista – nas páginas finais o narrador afirma que não trocaria por nada as experiências que viveu nos dois anos de Estados Unidos –, é inegável que se trata de um texto mais radicalmente ácido e *desconfiado*, tanto em relação à possibilidade de solução dos problemas detectados na realidade observada quanto em relação à capacidade do próprio relato de viagem de produzir sínteses interpretativas: “Todas essas afirmações que tenho feito [...] vão temperadas de um grão de sal. É danadamente perigoso generalizar” (Veríssimo, 2007, p. 276). O tom crítico contamina inclusive o modo como o narrador avalia sua atuação a serviço da “boa vizinhança”, colocando em dúvida o valor de seu trabalho no contexto da guerra: “Que importância pode ter a literatura brasileira nesta hora em que os povos estão empenhados numa luta de morte?” (Veríssimo, 2007, p. 38).

Em *A Volta do Gato Preto*, o narrador de viagem mostra-se mais consciente de sua origem e de sua alteridade, marcando com mais nitidez o *locus* de onde observa e comenta a realidade. A experiência norte-americana e o ofício de explicar o Brasil para os gringos o levam a compreender melhor o Brasil. Um formulário da escola dos filhos exige-lhe uma definição racial que lhe parece impossível: “Estou agora diante de um espelho a perguntar a ele e a mim mesmo se sou branco, mexicano ou japonês”. O narrador então conclui que “sempre desconfiei que tivesse sangue índio, mas num *melting pot* como é o Brasil (e diga-se de passagem, também os Estados Unidos) a gente nunca sabe ao certo que espécie de sangue traz nas veias” (Veríssimo, 2007, p. 110). Sua especificidade também advém da consciência de particularidades históricas e políticas brasileiras que influenciariam em sua conduta e formatariam uma maneira de encarar as experiências no exterior, como a crença de que “o Governo não passa mesmo dum instrumento de opressão”

(Veríssimo, 2007, p. 19) num país “em que tudo é pretexto para meter um homem na cadeia. A terra do ‘não pode’. Tudo proibido. Dip. Deisp. Dasp. Censura. Hora do Brasil. Polícia Especial” (Veríssimo, 2007, p. 37). Diga-se de passagem que o fim do aparato censor e repressor do regime getulista provavelmente permitiu, em *A Volta do Gato Preto*, maior transparência sobre os problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil.

A maior frequência de referências ao Brasil neste segundo *Gato Preto* é favorecida pelas próprias circunstâncias de viagem. O relato de Érico Veríssimo começa desta vez pelas regiões que o narrador chama de “porta dos fundos” da casa do Tio Sam (Veríssimo, 2007, p. 48) e antes mesmo de chegar aos Estados Unidos, o avião pousa em Recife, Natal, Fortaleza, Maceió e Belém, onde o narrador confessa sua “comovida impressão” de um Brasil “tão malcuidado”: “[...] ao passar por aquela zona de miséria não pude deixar de sentir uma sensação de culpa. Que estava fazendo eu como escritor e como homem para melhorar a sorte daquela pobre gente?” (Veríssimo, 2007, p. 43). Uma vez desembarcados na Flórida, Érico e a família empreendem uma longa e exaustiva viagem de trem até a Califórnia, onde irão residir enquanto Érico será professor na Universidade de Berkeley. Passam então pelo Alabama, Mississippi, Louisiana e Texas. Nesse périplo, a família Veríssimo põe-se em contato com uma América tropical, negra, indígena e pobre que, sendo muito familiar ao Brasil, frustra expectativas à medida que se afasta dos estereótipos do grande país do norte. As comparações entre Estados Unidos e Brasil não são apenas contrastantes, mas em muitos momentos, especialmente quando se discutem deficiências, põem à tona semelhanças. Para o narrador, trata-se de uma oportunidade de refletir sobre uma América problemática e, dessa vez, aceitando aspectos negativos como miséria e discriminação não mais como questões periféricas, senão como parte intrínseca do todo.

Nessas regiões do sul dos Estados Unidos, a presença negra é evidente e está articulada com algumas reflexões corrosivas sobre sua história e as condições de vida do *colored people*. Ao passar pelo Alabama, vem à mente do narrador um “negro do banjo”, com quem imagina um

diálogo que mescla um tom acusatório e uma declaração de culpa:

“– [...] Na tua terra também há calor, mosquitos, banhados, preconceito e miséria.

– Mariana está decepcionada – digo. – Imaginava que tudo neste país fosse tocado de *glamour*. Tudo aerodinâmico, limpo, rico...

– Quem é o culpado de ela pensar assim?

– Nós, escritores, pintores, que em geral não vemos as coisas como elas são, mas sim como desejávamos que fossem.

– E por quê?

– Talvez medo da realidade. Escapismo. Comodismo. Ou defeito de visão.

O negro do banjo atira os braços para o ar.

– Mas não há por onde escapar. Mais tarde ou mais cedo o problema nos esmaga.

[...]

– O que fazer então?

O negro encolhe os ombros:

– Vocês, os brancos, que se entendam. Nós estávamos quietos na África. Trouxeram-nos de lá para cá à força. Fizeram-nos trabalhar abaixo de chibatadas. E a todas essas continuavam a usar palavras grandes, como justiça, fraternidade, humanidade, sentimentos cristãos.

– Cala a boca. Vai-te!

– Não calo. Não vou. Agora tens que ouvir. Milhares de pretos americanos estão neste momento lutando na Europa no Exército de Uncle Sam. Dizem que esta é a guerra do direito contra a força, da tolerância contra a intolerância, do bom senso contra o racismo. [...]

Ponho-me a assobiar para não ouvir a voz minúscula dentro de meu cérebro. Mas é inútil.

– Que podemos nós, os negros, esperar do futuro?

– Começa a brandir o banjo como um tacape. — Será que estes orgulhosos senhores de plantações de agora em diante passarão a considerar-nos seres humanos com direitos iguais aos seus?” (Veríssimo, 2007, p. 54).

A situação dos negros nos Estados Unidos, a guerra na Europa, o atraso e pobreza no Brasil encontram agora uma articulação cujo fulcro são questões de interesses econômicos. Ainda que resista às explicações do materialismo histórico – “Não creio que o fator econômico seja todo-



-poderoso como força histórica” –, Érico verbaliza uma crítica ao poder econômico como fator determinante dos problemas de então: “[...] neste ano de 1944, só um ingênuo, um débil mental ou um fanático do espiritual poderia negar a grande importância do econômico na vida dos indivíduos e das nações” (Veríssimo, 2007, p. 120). Essa nova compreensão por parte do escritor gaúcho afasta a esperança mais cândida em um futuro de progresso material para todos: “Como fazer que a maioria do povo goze dos benefícios desse progresso? Porque até agora os únicos que desfrutaram dele são os que podem pagar” (Veríssimo, 2007, p. 149). De acordo com esse ângulo de análise, o “problema negro” – que merece todo um capítulo do livro – é discutido aqui em termos mais incisivos e complexos do que em *Gato Preto em Campo de Neve*. Para explicar a situação do negro, o narrador ultrapassa o julgamento moral do preconceito para detectar um sistema bem concreto de segregação e opressão, cujos fundamentos são históricos – “essa coisa absurda, errada e cruel que era a escravatura” (Veríssimo, 2007, p. 301) –, sexuais – “curiosidade sexual com relação às mulheres negras” (p. 301) –, econômicos – “preferência ao trabalhador branco” (p. 302) –, legais – “o negro sempre tem menos chance de absolvição” (p. 302) – e eleitorais – “existem muitos truques [...] para evitar que o negro vote” (p. 302). Até mesmo a referência ao Harlem adota agora uma perspectiva bem distinta: o narrador aponta para o fato de que os proprietários das casas “caras e sem conforto” são judeus, sugerindo que nem mesmo o gueto nova-iorquino pertence aos negros.

Uma vez percebida dessa maneira, a questão das populações negras norte-americanas não poderia ser facilmente contornada. No sentido contrário do que postulou em seu primeiro relato de viagem, nem mesmo a educação é panaceia para os negros: “[...] a educação torna-os ainda

mais infelizes, pois o negro esclarecido sente ainda mais agudamente o isolamento social em que vive” (Veríssimo, 2007, p. 302). O narrador então sente que não há solução para o problema dos negros norte-americanos “nem dentro de cem anos” (Veríssimo, 2007, p. 305). Até porque, para Veríssimo, que tinha o Brasil como modelo racial menos imperfeito, a forte repressão contra a miscigenação nos Estados Unidos impediria que o sangue negro desaparecesse “na grande corrente desse misturado sangue americano” (Veríssimo, 2007, p. 305). É preciso ressaltar, a crédito de Érico Veríssimo, que mesmo a sua percepção da situação do negro no Brasil também se alterou. Se persiste ainda a ideia de que entre os brasileiros não há problema racial e de que aqui os empecilhos são antes econômicos, por outro lado, o narrador reconhece que “entre nós a posição do negro é economicamente a pior possível e socialmente não é lá muito melhor” (Veríssimo, 2007, p. 306).

Em texto de 1945, Jean-Paul Sartre relata que alguém o teria aconselhado: “[...] se você não é um cidadão americano, não mencione o tema do problema negro. [...] mesmo se você tiver tato, você vai dar a impressão de que está se metendo, sem ser convidado, numa briga familiar” (Sartre, 1945, p. 1). Frente à importância da questão, Sartre recusou o silêncio. Da mesma forma, Érico Veríssimo, apesar de convidado pelo Departamento de Estado norte-americano, abriu corajosamente espaço em seus dois livros de viagem para discutir relações raciais nos Estados Unidos. Conforme então previu, o problema não se atenuou com o passar dos anos. Tanto que, em *O Senhor Embaixador* (1965) e *O Prisioneiro* (1967), Veríssimo voltará à carga, incorporando o ódio racial – em suas cores mais fortes – como fator de crise permanente para sofridas personagens fictícias de nacionalidade norte-americana.

## BIBLIOGRAFIA

- CAMILO, Vagner. "Jorge de Lima no Contexto da Poesia Negra Americana", in *Estudos Avançados*, v. 26, n. 76. São Paulo, IEA-USP, dez./2012.
- COUTO, Ribeiro. "Primeira Noite em Nova York", in *Pensamento da América*, n. 7, 26/7/1943.
- FOLHA DA MANHÃ. "Cumprirá Roosevelt sua Promessa de Acabar com os Linchamentos?", in *Folha da Manhã*, caderno Suplemento, 3/7/1938.
- HERZFELD, Michael. "Essentialism", in Alan Barnard; Jonathan Spencer (orgs.). *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. Londres/Nova York, Routledge, 1996.
- LEÃO, Múcio. "Registro Literário", in *Jornal do Brasil*, 4/10/1935.
- REZENDE, Sezefredo Garcia de. "Nota Ligeira", in *Diário da Manhã*, 8/2/1930.
- SARTRE, Jean-Paul. "Ce que j'ai appris du problème noir", in *Le Figaro*, 16/6/1945, p. 1.
- VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do Gato Preto*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Gato Preto em Campo de Neve*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Viagem Através da Literatura Americana*. Rio de Janeiro, Instituto Brasil-Estados Unidos, s/d.
- VIEIRA, Nelson H. "Um Caçador de Almas no País dos lanques: Érico Veríssimo e a América Caleidoscópica", in *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v. 2, n. 3. Porto Alegre, nov./1996.
- VIVERO, Fernando León de. "La Barriada Negra de Harlem", in *Revista Geográfica Americana*, v. 14, n. 86, nov./1940, pp. 337-9.